

A CONSCIÊNCIA SAUDOSA E O DESPERTAR DE SUA EVOCACÃO

Mateus Sarmento Leite (UA)

RESUMO: Este artigo está baseado em uma pesquisa de mestrado desenvolvida em dois momentos específicos, primeiro sobre o tema Saudade que expõe uma reflexão baseada no pensamento filosófico de Ramon Piñeiro (1995), Joaquim de Carvalho (1998) e Afonso Botelho (1990). Desta relação, delimitou-se um nicho de análise para seleção de referências presentes nas obras "Porto Calendário" (1961) de Osório Alves de Castro e a coleção de poemas "Soror Saudade" (2008) de Florbela Espanca, compondo o corpus necessário para o desenvolvimento de um projeto de exposição artístico composto de duas obras impressas que configura a segunda etapa do projeto. Produziram-se as obras, nesse segundo momento, transportando os significantes selecionados dos dois autores para as imagens de minha autoria utilizando o processo metodológico de tradução intersemiótica segundo Júlio Plaza (2008). Este trabalho se deu através da pesquisa e seleção dos legisignos apropriados que mantivessem sentido na relação entre os meios trabalhados, literatura e artes visuais. Este artigo compõe um relato dessa experiência sobre como se desenvolveu a produção destas obras baseada no cruzamento de autores lusófonos de dois continentes diferentes. O resultado da pesquisa proporciona mais uma linha de análise na relação entre o perfil psicológico dos autores e suas obras, e constitui um exemplo da aplicação prática do uso da literatura como meio de diálogo interartes.

Palavras-chave: Saudade na literatura de Florbela Espanca e Osório Alves de Castro. Tradução intersemiótica. Diálogo entre literatura e artes visuais.

A proposta é relatar a análise desenvolvida, com ênfase na temática da saudade, sobre a escrita de Osório Alves de Castro e de Florbela Espanca, associando suas obras aos tipos de saudade estudados. Como resultado desta análise produziu-se uma exposição com três obras. Segue um breve relato sobre os dois autores, para que então continuemos com o resultado da pesquisa.

Osório Alves de Castro (Santa Maria da Vitória, 17 de abril de 1898 - Itapeccerica da Serra, 9 de dezembro de 1978) foi um escritor baiano reconhecido e admirado por Guimarães Rosa, narra com lirismo o homem que vive no sertão.

Autor de três obras publicadas: Porto Calendário (1961), Maria fecha a porta prau boi não te pegar (1978) e Baiano Tietê (1990). Todas com narrativas nebulosas, as palavras articulam imagens expressivas e belas em contraste com a tragédia humana. De acordo com Luiz Antonio Carvalho Valverde (2008) que seguindo os parâmetros de Roland Barthes sobre as características da escrita poética clássica e da escrita moderna,

os trabalhos de Osório Alves caracterizam-se por uma escrita moderna marcada pela verticalidade do signo. O sertão é retratado em passagens com imagens de beleza lírica em harmonia às cenas descritas, ao mesmo tempo em que nos deparamos com uma cultura com bases primitivas que se negavam à modernização para proteger e perdurar o sistema de privilégios e a concentração dos meios de produção.

Na obra *Porto Calendário* (1961) o sertanejo é representado na busca pela afirmação de sua humanidade, a luta por direitos civis e o respeito na quebra das barreiras sociais. A história desse povo é marcada pela luta contra o clima seco e a tirania dos “Coronéis”, que eram pessoas com poder político e donos de terras os quais, fazendo uso da força, controlavam a economia local e a mão-de-obra para que ambos melhor lhes servissem. Apenas esta obra foi utilizada no desenvolvimento dos projetos da dissertação, escolhida por apresentar uma temática centrada nas relações intrínsecas que arquitetam uma estrutura social.

Entre 1900 e 1940, período em que tal obra é ambientada, a busca de refúgio nos estados do sul, em especial na cidade de São Paulo, já era uma prática dos trabalhadores (os sertanejos) que migravam sob a esperança de que haveria trabalho e oportunidades de mudança de vida na cidade grande. É nesse clima que os personagens do livro se desenvolvem, na busca por identidade, respeito e na esperança de uma vida melhor para os que ficam e os que vão.

A segunda autora utilizada na pesquisa foi Florbela de Alma da Conceição Lobo Espanca (Vila Viçosa, 08 de Dezembro de 1894 - Matosinhos, 08 de Dezembro de 1930), poetisa portuguesa tendo seus primeiros registros de poemas escritos enquanto cursava o secundário no Liceu André de Gouveia na cidade de Évora, porém foram apenas reunidos e publicados em um volume após sua morte. Publica o livro *Livro das Mágoas* (1919) e o *Livro Soror Saudade* (1923), tendo ambos passados despercebidos. Morre, segundo alguns estudiosos, de suicídio tendo durante esse tempo publicado alguns poemas.

Discípula de Antero Tarquínio de Quental (1842-1891), elogiada por Feliciano Ramos, tem em seus poemas o amor como tema preponderante. Observa-se que a capacidade evocativa que o sentimento da saudade provoca encontra-se fortemente

relacionada com os signos utilizados pela poetisa na construção de suas obras, como por exemplo suas constantes referências a tipos de flores que representam alguns estados de espírito.

O estudo da saudade visou auxiliar a análise destes dois autores, dos quais, ao utilizar-me de ferramentas da semiótica pude desenvolver os projetos resultados da minha dissertação produzida em 2011.

É consenso entre os filósofos da saudade, citados no decorrer deste artigo, o fato deste ser um sentimento que não se aplica às ciências da razão por jogar, essencialmente, com contrastes no plano sensível, ideia melhor sintetizada por Joaquim de Carvalho no seu ensaio *Elementos Constitutivos da Consciência Saudosa*: “A Consciência saudosa não toma posição teórica, [...] nem a posição prática, [...]. A posição saudosa é ensimesmada e contemplativa; por isso o conhecimento inerte à saudade não é um conhecimento que é ou possa vir a ser científico.” (1998, p. 63-64)

Ramon Piñeiro afirma que para compreender e classificar os sentimentos deve-se centralizar a pesquisa no elemento extra-sentimental, utilizar-se de seus objetos¹, o *algo* que provoca o sentimento. Neste *algo* o sentimento toma uma “forma”, “esta forma ou dirección, este obxecto do sentimento é o que nolo fai intelixible.” (1995, p. 30)

Porém, a saudade mostra-se peculiar por não apresentar um objeto² específico. Piñeiro afirma que tal característica faz dela um sentimento puro, um puro sentir. Por isso desprendido da relação com o pensamento ou com a vontade, o que torna a saudade mais complexa de ser compreendida.

O autor demonstra ainda outra dificuldade na análise deste sentimento, que “debese á amplitude da saudade mesma que pode, segundo os casos, pertencer ó plano psicológico ou ó plano ontológico, por onde resulta que se pode entender de varias maneiras o contido significativo da verba. Pódese dicir que hai varias saudades ou, mellor ainda, que hai varias formas de saudade.” (1995, p. 46) Posto isto, o autor define uma metodologia que consiste em distinguir as formas da saudade e dela os

¹ Piñeiro, *Filosofia da Saudade*, p. 30, 1995

² “... a saudade carece de referencia a un obxecto, fáltalle esa dirección significativa que nos permite a intelección dos outros sentimentos, que veñen a ser o “eco sentimental” de situacións alleas ó sentimento mesmo.” (Piñeiro 1995, p. 30)

sentimentos que a acompanham, para assim se chegar a uma firmeza significativa que possibilita um desenvolvimento filosófico da saudade.

Para Piñeiro o sentimento que designa a saudade é a “soidade”, “*sexá cal sexá a relación etimolóxica entre ámbalas verbas, o certo é que cadran unha coa outra semanticamente. Arrincamos, polo tanto, deste feito semântico, e consideramos que *saudade, soidade, suidade* – segundo a época ou o lugar pode predominar unha forma ou a outra – son tres variantes que significan a mesma cousa: o sentimento de soidade.*” (1995, p. 47)

Visto que o mesmo afirma que quando o homem vive a soidade dirá que sente saudade, ou suidade, e esclarece que soidade é uma “*situación do home, a saudade é o sentimento desa situación*” (ibidem, p. 47). O autor distingue dois tipos fundamentais de soidade, destes dois tipos elenca três formas principais de soidade, para então apontar três formas de saudade correspondentes.

Os dois tipos fundamentais seriam: “a soidade que o home vive através da súa actividade transcendente e a soidade que vive na súa intimidade pura” (ibidem, p. 47). Explica que a primeira forma depende da objetividade, da relação do homem com o objeto, a segunda forma origina-se na intimidade, “é a intimidade mesma” (ibidem, p. 47).

Ao primeiro tipo de soidade, presente na atividade transcendente do homem, ou seja, na relação do homem com a realidade, elenca formas baseando-se nesta relação sujeito-objeto. Afirma que o sujeito está em constante perigo de se ver abandonado pelo objeto, disto nomeia três formas, apesar de deixar claro que existem diversas, estas três são as principais³:

A *Añoranza*: “do ser amando (ausente, morto ou desviado), do ben perdido (a mocidade, a felicidade pasada, o agarimo materno), etc.”

A *Nostalxia*: “da Terra lonxana, do eido nativo, etc.”

A *Arela*: “de felicidade ideal, de perfección ilimitada, etc.” (ibidem, p. 48)

³ “En calquera dos casos comprendidos nestas tres formas, a soidade do suxeito prodúcese pola non presenza do obxecto, ten unha motivación obxectiva.” (Piñeiro 1995, p. 48)

O autor continua definindo que destas três formas de saudade haverá modos de saudade decorrentes: a saudade añorativa, saudade nostálgica e saudade arelante⁴.

O outro tipo fundamental de *soidade* é a que se dá na intimidade pura⁵. Piñeiro explica que sentir saudade é sentir-se a si mesmo, aquela vaga sensação de percebermos o nosso eu mais íntimo, essencial. Quando sentimos falta (*soidade*) do nosso eu, quando nos sentimos sozinhos, não por solidão, mas sim por singularidade, esse sentimento é a saudade pura, sem relação com os objetos da memória ou da vontade, é o momento que nos apercebemos que somos um ser para além do ser humano “... Esta saudade que é o sentir inicial, espontâneo, da própria intimidade do ser humano” (Ibidem, p. 49).

Para sustentar a ideia da saudade como um sentir puro, um sentir-se a si mesmo, o autor diferencia a saudade de outros dois sentimentos que são geralmente associados a ela. *A morriña* e a *sehnsucht*:

Piñeiro discorre que a *morriña* é um estado de depressão essencial que tem como sentimento psicológico a tristeza. O estado essencial em contraponto é a euforia, que tem como sentimento psicológico a ledícia (alegria)⁶. A relação entre a saudade e a *morriña* é de proximidade e não de natureza, afirma o autor, pois a característica da *morriña* é a tristeza depressiva e a da “saudade é a carência de significación psicológica” (ibidem, p. 51). Pela sua proximidade um sentimento pode acabar por despertar o outro, dá-se pelos dois não apresentarem carência de objeto, tendem à “interiorización do home en si mesmo”⁷. Porém, a diferença estaria em seus contrapontos. “O contraposto da *morriña* é a euforia; o contraposto da saudade – da *soidade* do ser – é o êxtase místico – a contemplación do Ser.” (ibidem, p. 51)

Para Piñeiro a *Sehnsucht*, palavra alemã, “é un anseio de transcendência, un pulo, unha aspiración de algo completamente desconhecido, de algo que está fóra do ego

⁴ Doravante escritas como *saudade añorativa*, *saudade nostálgica* e *saudade arelante*, não pela sua tradução em português, afim de melhor preservar a significação dada pelo autor.

⁵ “nesta zona íntima do ser humano en que o sentimento se move con independencia da vontade e do intelecto, nesta zona tépeda e escura do noso sentir inmanente, o home percibe, coa lene vaguedade dun latexo apagado, a súa situación orixinal, a súa *soidade* ontolóxica. Por ser un ser singular, o home sente a súa *soidade* ontolóxica, ou sexa, *séntese a si mesmo*. Este sentirse a si mesmo na propia singularidade (*soidade*) orixinal é sentir Saudade.” (Piñeiro 1995, p. 49)

⁶ Piñeiro 1995, *Filosofía da Saudade*, p. 50

⁷ “tanto nun caso coma no outro, o sentimento de *morriña* está cercán ó da saudade, pois non tende á obxectivación, senón a interiorización do home en si mesmo.” (Piñeiro 1995, p. 51)

e do seu horizonte, mas que é *sentido como necessidade*” (ibidem, p. 52). O que a diferencia da saudade, sendo um sentir-se da própria saudade ontológica, é que esta “ten de asolamento pasivo na pura intimidade do ser do home, teno a Sehnsucht de tensión dinámica – de aspiración – para a transcendencia pura.” (ibidem, p. 52)

A sehnsucht também é citada pela Carolina Michaëlis de Vasconcelos⁸, apesar de a autora afirmar uma “plena concordância” entre as palavras, mais adiante em seu artigo, ela explica que em alguns casos a Sehnsucht tem caráter metafísico, “aspira a estados e a regiões ideais, sobrehumanas, ao *Além*” (Vasconcelos 1990, p. 49).

Ambos os autores concordam que a significação das duas palavras difere, em essência, pela característica filosófica dos povos. No germânico “acatador do imperativo categórico da Razão pura, [...] na melancólica psique portuguesa” (ibidem, p. 51) e no lirismo do povo galego tão proclamado por Piñeiro.

Assim como Piñeiro, Afonso Botelho em seu livro, *Da saudade ao Saudosismo*, desenvolve uma metodologia para o estudo da saudade. Segmenta-a em sentimentos, que diria mais significativos, presentes em sua origem. Sabendo que uma das suas singularidades é não expressar-se de maneira própria, não existindo uma expressão facial nem uma sensação específica no corpo do saudoso⁹, Botelho discorre a saudade entendendo os sentimentos que a despertam e o ambiente que fazem tais sentimentos ligarem-se à saudade.

A consciência saudosa nasce da luta entre o desejo e a lembrança¹⁰, e, por ser um sentimento essencialmente humano, surge de ligações que de alguma maneira foram rompidas. Esse rompimento é o motivo desta luta que tem no desejo seu combustível, acontece quando alguma “coisa” provoca uma insatisfação, fazendo o desejo evocar estados onde a lembrança apresenta momentos que são aperfeiçoções daqueles causadores da insatisfação. Ela “dá-se em e é sempre de algo, isto é, o acontecer da saudade é um acontecer que a consciência íntima pode comunicar mas não transferir para outrem, e

⁸ “Plena concordância há, porém, entre *Saudade* e a *Sehnsucht* dos Alemães” (Vasconcelos 1990, p. 48)

⁹ “Normalmente a vivência da saudade não se dá a conhecer por actos fisicamente expressivos, como a alegria que se expande em riso...” (Carvalho 1998, p. 61)

¹⁰ “E embora o interesse de Teixeira de Pascoas esteja antes no encontro de um novo sentimento fênix, da lembrança e do desejo que se combatem, a acentuação verdadeiramente criadora, porque causa a própria conservação do ser, está no desejo.” (Botelho 1990, p. 33).

cuja a vivência se acompanha da presença espiritual de seres ausentes ou de circunstâncias e estados transactos.” (Carvalho 1998, p.61)

Esta luta entre o desejo e a lembrança pode ser visto como um contraste entre a representação de um presente insatisfatório e um passado valorizado pela lembrança, o que implica o surgimento da saudade: “A percepção atual dá a realidade que se vive, e a evocação, a realidade que se viveu, cuja projeção sobre a realidade atual estabelece como a medida da perda que se sofreu e se deseja recuperar.” (Carvalho 1998, p. 63)

Se considerarmos a relação (ligação) de dois seres como uma linha, nesta constrói-se uma realidade paralela, montada com fragmentos da luta entre a lembrança e o desejo. A realidade ali é construída com o encaixar de peças como um quebra-cabeças, no qual cada peça é um fragmento criado pela memória valorizada pelo desejo, fruto da luta anteriormente citada, criando-se nesta linha outra realidade. Essa realidade presente apenas no ser saudoso é um arquétipo do presente, pois cada peça encaixa-se de acordo com a relação ao tempo passado e/ou futuro projetado, em que o nível de representação de cada peça depende da intensidade desta relação.

Botelho associa a saudade ao desenvolvimento do pensamento sobre os sentimentos que a rodeiam, para então justificar sua ideia sobre a formação da consciência da identidade do povo Português estar ligada ao desenvolvimento da consciência saudosa. Piñeiro faz, também, uma associação, porém mais intimista da saudade. O autor liga o sentimento da saudade ao sentimento do ser em si, de sentir-se a si mesmo, para justificar sua ideia de que a formação da consciência da identidade do povo galego vem do sentimento da saudade.

Contudo, outro consenso entre estes autores está no contraste inerente ao sentimento da saudade¹¹, o que faz dela singular e complexa. Para Carvalho está em seu surgimento: o contraste entre duas realidades. Para Botelho está nos sentimentos contrários vividos pela consciência saudosa, atributo do coração: tristeza e alegria; dor e prazer. Que entendido por Teixeira de Pascoaes estar expresso no tempo esta contrariedade, ambos sentidos na sucessão de momentos diferentes. Próximo do

¹¹ “Não se sabendo se são os nossos olhos que cativam várias faces de uma só imagem ou se é a própria saudade que conquista novos modos de se revelar.” (Botelho 1990, p. 110)

contraste percorrido por Piñeiro, na percepção do homem em si mesmo, que sente a atemporalidade quando descobre a temporalidade na finitude presente na efemeridade do viver. Todos concordam que a saudade é um sentir-se, um auto conhecer-se, por jogar com variedade de sentimentos¹², percepções¹³, realidades¹⁴ e dimensões¹⁵. Estas variedades e contrastes expressam-se, então, na diversidade das personalidades¹⁶ de cada ser humano. Visto o recorte de reflexões sobre este sentimento, selecionei a lembrança e o desejo como pilares principais para o desenvolvimento do estudo, fundamentados respectivamente pela saudade noxálica e saudade añorativa. Na insatisfação do presente provocadora da disputa que o desejo tenta unir¹⁷, faço a ligação entre os dois autores à saudade. E o tempo, também como um pilar, uso essencialmente para explicar a relação que faço entre os dois autores, fundamentado pela saudade arelante.

O estudo da saudade serviu para ambientar os textos dos dois autores, delimitando um nicho de análise para suas obras. Fixei-me na ideia de que para entender o sentimento deve-se centralizar a pesquisa, de acordo com a metodologia de Piñeiro, nos seus elementos extra sentimentais nos seus objetos.

A partir da segmentação proposta por Piñeiro (1995), associada à divisão proposta por Botelho (1990), relacionei a escrita de Osório (1961) à saudade, nomeadamente à saudade nostálica.

O homem ao sentir-se um ser singular se debate com a angústia da autoafirmação deste ser. Osório em suas histórias, narradas em Porto Calendário (1961), demonstra esta angústia tanto presente no povo sertanejo usando o lirismo pela

¹² “dor e prazer sentidos na sucessão de momentos diferentes” (Botelho 1990, p.32)

¹³ “Os testemunhos literários da vivência da saudade, principalmente de poetas, mostram que uns acentuam predominantemente o *em* da saudade, e portanto transmitem de preferência manifestações de desejo e de afectividade, como a tristeza e solitariedade e a nostalgia, enquanto outros, mais raros, são impressionados pelo *de* da saudade, e portanto transmitem intuições ontológicas acerca do que se é saudoso e da ausência que se deseja presencial e viva.” (Carvalho 1998, p.61)

¹⁴ “a que é dada pela percepção atual e a que é dada pela evocação retrospectiva” (Carvalho 1998, p. 63)

¹⁵ “neste mundo interior [...] a participação das distintas dimensões – cognoscitiva, volitiva e sentimental – raras vezes é harmonicamente equilibrada.” (Piñeiro 1995, p. 33)

¹⁶ “Deste predomínio dunha das dimensões xurdirán as personalidades acusadamente diferenciadas, como o poeta, o home de acción, o especulativo, etc.” (Piñeiro 1995, p.33)

¹⁷ “A ele se destina a função de unir os seres através de um acto vital, por si só demonstrativo da irrealidade da aparente diferenciação das coisas e das pessoas.” (Botelho 1990, p. 36)

esperança e o realismo como compromisso com o resgate do passado. Assim como afirma Piñeiro “Co o intelecto trae o mundo a dentro de si; cõa vontade lévase a si mesmo ó mundo” (Piñeiro 1995, p. 31), a relação do homem com a realidade parece ser o seu fado por participar da vida, reconhecido por ele em seus sentimentos e levados a expressão pela vontade. Esta vontade, despertada quando o homem reconhece sua temporalidade em sua participação na vida, caracteriza seus personagens e sua escrita, figurada por mim na saudade nostálgica de Piñeiro.

Dentro da definição de Piñeiro sobre a *Añoranza*: “do ser amado (ausente, morto ou desviado), do ben perdido (a mocidade, a felicidade pasada, o agarimo materno), etc.” (1995, p 48). Associei, assim como em Osório, a escrita de Florbela Espanca ao primeiro período do desenvolvimento da consciência saudosa, com o desejo demiurgo.

Vimos que: o desenvolvimento do pensamento sobre desejo segue em paralelo com o desenvolvimento do pensamento sobre a saudade, segundo Botelho; o primeiro desejo, demiurgo, supervalorizado, que estaria presente na conceituação de Barros (2010) sobre o amor: Um amor que possui como dispositivo, ou gatilho, a falta do outro ser. Por, este outro ser, parecer carregar em si mesmo tal amor. Amor do qual Barros afirma estar mais ligado ao próprio ser de Florbela, a procura deste amor seria a procura de si mesmo e não do amado, esta contradição de procurar a si no outro mostra-se, ainda, como o contraste inerente ao ser humano, acima explanado à partir das reflexões de Piñeiro (1995). Por este motivo o desejo, a vontade, não parece cessar na vivência do amor com seus companheiros, e se intensifica durante o período de solidão, ou soidade, que não seria propriamente a saudade. A saudade por estar num plano diferente da soidade, como explica Piñeiro e Michaellis, estaria mais ligada à procura do ser, sintetizado por Barros na explicação do amor na poesia de Florbela. Assim posiciono a saudade em Florbela mais ligada à projeção do que seria sentir o amor pleno, visto que a saudade não pareceu cessar durante toda a sua vida, já que apenas cessaria no êxtase místico de encontrar-se a si.

A partir desta relação entre os autores e a saudade, aprofundi minha pesquisa sobre o que se conhece acerca dos objetos da saudade. Durante este processo intrigou-me quais relações faria entre os objetos (da saudade) e objetos (obras). O *entre*

surgiu acompanhando este questionamento. Foi quando os outros conceitos (entre-imagens, (i)materialidade, imagem-movimento) ocuparam o espaço (i)material *entre* os objetos e ainda os observadores. A metodologia da tradução intersemiótica, otimizou o caminho para que se determinem os conceitos chaves para a construção das obras.

Para uma análise eficiente dos textos dos autores foi necessário preencher dois déficits teóricos presentes nas relações entre os dois autores e a saudade, o resultado desta pesquisa pode servir como base para análise dos perfis psicológicos de ambos.

Concluí que para que haja uma dinâmica de relações é necessário uma série de *pausas* organizadas sob um tema que proporcione certa linearidade às relações. Estas *pausas* são as obras físicas, e as relações são proporcionadas pela disposição das mesmas no espaço de exposição. A metodologia da tradução intersemiótica ajudou a definir as melhores *pausas* a serem desenvolvidas, que contataremos a seguir.

Para a Imagem inspirada na escrita de Florbela, a atemporalidade e ausência, o irreal lírico, a consciência de si foram os conceitos bases para a construção da imagem. Vale lembrar que a construção desta obra seguiu em paralelo com o andamento da dissertação, dando à obra autonomia para guiar também seu rumo.

Para a imagem inspirada na escrita de Osório Alves usei aspectos da cultura visual para personificar cada imagem, como uma representação, no mesmo sentido imposto na obra Operários (1933) de Tarsila do Amaral, no qual cada rosto representa um bloco, construindo uma espécie de muro. Deste muro defini que tipo de organização a colocação das peças seguiriam. Ambas as obras estão disponíveis ao acesso neste link: <https://www.behance.net/gallery/4612281/A-consciencia-saudosa-e-o-despertar-de-sua-evocacao>.

A terceira obra construída foi um vídeo. Que mostrou-se como uma oportunidade de representar todo o processo do qual retirei as *pausas*, um registro do que ficou pra trás. Memória física (representação física do processo de construção dos objetos aos quais se fazem as relações), o que nos possibilita o resgate daquilo que nos faz falta no presente.

Um gancho para que a questão da relação entre os frames e o “tempo absoluto” (BELLOUR & VIOLLA, 1985, p. 96) do vídeo me fez referenciar ao tempo absoluto natural. Através disto escolhi um projetor de diapositivos (*projetor de slides*) posicionado entre as duas obras, projetando para o espaço vazio que existe entre elas (visto que as duas obras impressas ficam expostas em paralelo) sem utilizar uma tela de projeção. A projeção na ausência de um suporte remete a memória, que não é física por não podermos tocá-la, porém imagética na lembrança.

Então, a escolha de usar autores como auxílio (ou base) na concepção de uma produção artística baseada num sentimento (pessoalmente experienciado) mostrou-se extremamente válida e enriquecedora. O cruzamento de conceitos, no interesse com as relações e provocar estas relações, além de um processo metodológico no desenvolvimento da dissertação, aplica-se de maneira excelente na concepção do trabalho artístico. Apesar de que, se partirmos dos preceitos da Tradução Intersemiótica (e até dos seus alicerces conceituais) quase tudo o que produzimos vêm de relações que produzimos.

Outro estudo desenvolvido aqui se deu na relação entre imagem e resgate da memória, o movimento de significados entre os referentes e as imagens prontas. Tal conhecimento serve como material prático para análise sobre a metodologia da tradução intersemiótica e a forma como ela foi empregada no desenvolvimento dos projetos.

Referências

BARROS, Eliana Luiza Santos. “Os Enigmas do Dizer Poético de Florbela Espanca” in *Psicanálise & Barroco em revista*. Vol 8. n.1 (p. 114-129), 2010.

BELLOUR, Raymond and Bill Viola. “An Interview with Bill Viola” in *The MIT Press October*. Vol.34 (p. 91-119), 1985.

BELLOUR, Raymond. *Entre-imagens: Foto, cinema, vídeo*. Campinas, SP: Papirus, 1997.

BOTELHO, Afonso. Da saudade ao Saudosismo. (1 ed) Lisboa: Biblioteca Breve, 1990.

CARVALHO, Joaquim de. and Miguel Real. Elementos Constitutivos da Consciência Saudosa e Problemática da Saudade de Joaquim de Carvalho precedidos de uma Introdução à Filosofia da Saudade no Século XX de Miguel Real. (2 ed). Lisboa: Editora Lisboa, 1998.

CASTRO, Osório Alves. Porto Calendário. (2 ed). São Paulo: Símbolo, 1961.

ESPANCA, Florbela. Poesia de Florbela Espanca. Vol 2, Porto Alegre: L&MP, 2008.

FREIRE, Antônio. O Destino em Florbela Espanca. Porto: Edições Salesianas, 1977.

LAURENTIZ, Silvia. "Imagem e (I)materialidade." Artigo apresentado no XIII encontro anual da COMPÓS, São Paulo, 2004.

JOAQUIM, de Carvalho. "Problemática da Saudade", em Filosofia da Saudade , selec. e organiz . de A. Botelho e A. B. Teixeira. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1986.

PIÑEIRO, Ramon. Filosofia da Saudade. Vigo: Galaxia, 1995.

PLAZA, Júlio. Tradução Intersemiótica. São Paulo: Perspectiva, 2008.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. A Saudade Portuguesa. Aveiro: Estante Editora, 1990.

VALVERDE, Luiz Antonio de Carvalho. O ser e o além do ser nas narrativas de Osório Alves de Castro. Dr. Diss., Universidade Federal de Pernambuco, 2008.